

Catetinho comemora 25 anos de construção

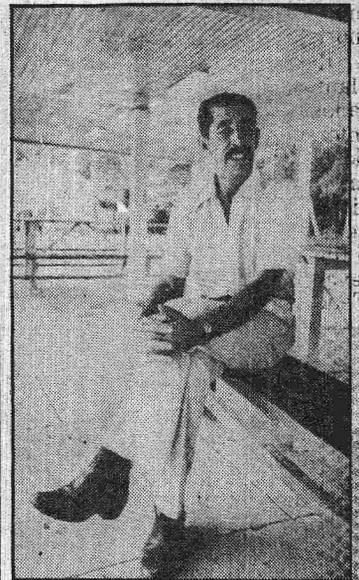
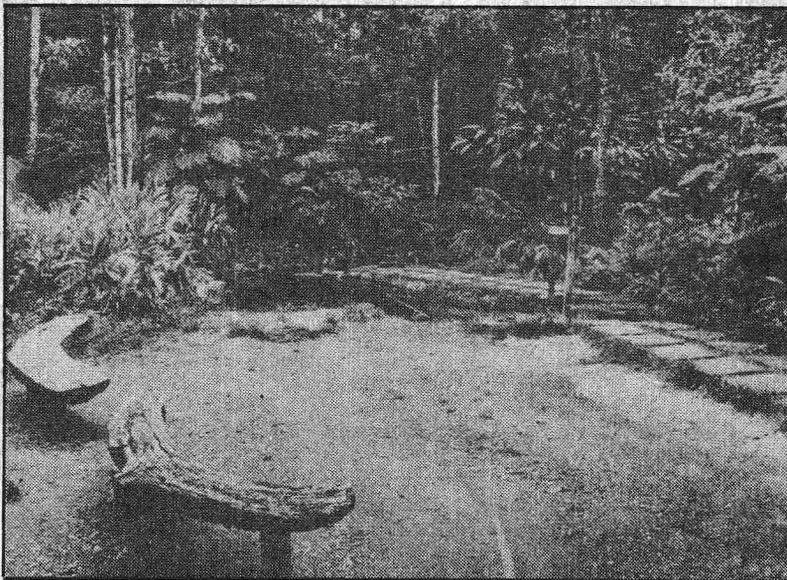
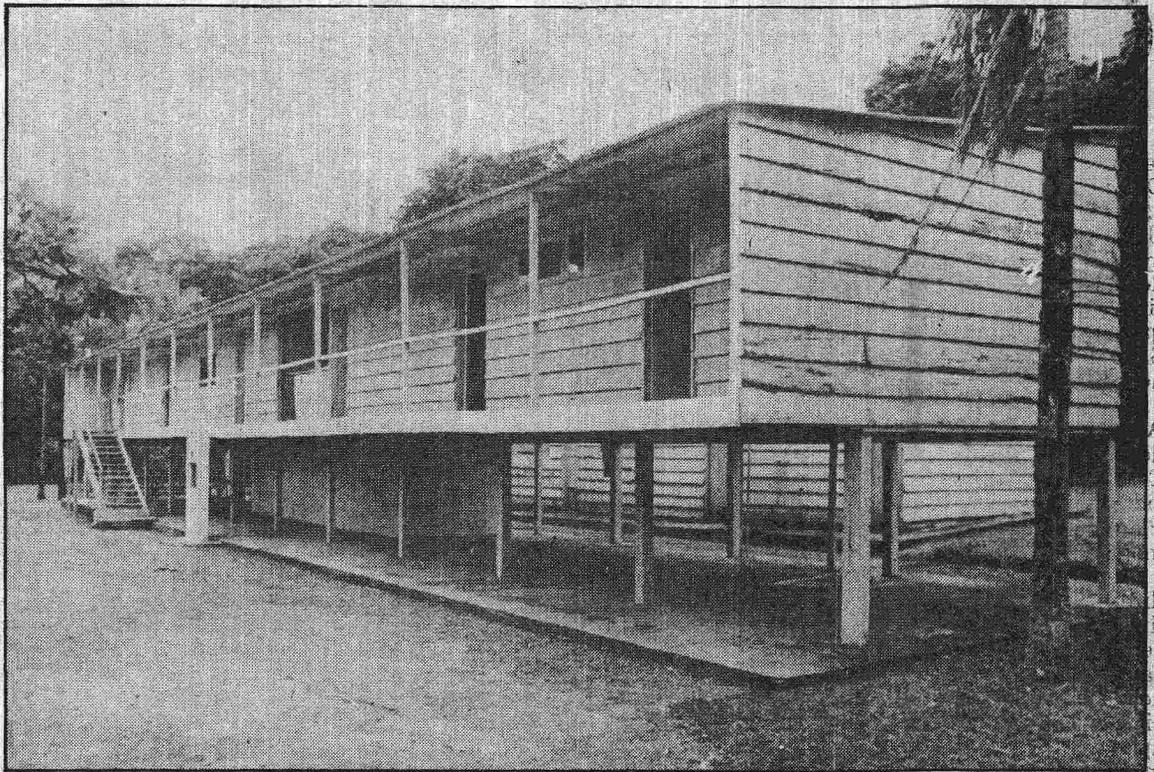
O vigésimo-quinto aniversário do Catetinho, primeira residência presidencial em Brasília, foi comemorado no dia 10 de novembro apenas por Luciano Pereira e a família, os administradores da casa desde quando foi erguida. Luciano pode ser considerado a história personificada do Catetinho, pois desde o dia em que chegou ali, em outubro de 1956, para trabalhar no desmatamento da área, nunca mais saiu.

Hoje, e enquanto inspira o ar puro das recordações que estão incustradas em cada árvore, deixa fluir naturalmente palavras sobre os momentos mais preciosos que passou ao lado do ex-presidente da República, Juscelino Kubitschek. "E foi aqui onde tudo começou" — retruca ele assumindo um ar triste quando indagado se alguém havia aparecido na terça-feira passada. "Mais uma vez o Catetinho faz aniversário e passa despercebido, aqui só mesmo os turistas habituais".

A única pessoa que esteve em uma certa frequência em suas visitas ao Catetinho, foi o próprio Juscelino e depois de sua morte, nem mesmo dona Sarah. "Ela diz que o lugar lhe traz muitas recordações". O mais curioso é a melancolia com que Luciano relata esses acontecimentos, e a transformação que ocorre quando posa para uma fotografia junto à última viga original que sustenta a parte superior da casa. Neste momento transmite um certo orgulho, que se torna inconfundível quando diz: "Esta viga tem 25 anos e ao contrário das outras foi lavrada a mão. Se vocês repararem no chão vão notar, pelas marcas do cimento, que todas as pilastras já foram substituídas, com exceção desta".

Vendo a pilha de jornais que Luciano acumula em sua casa, junto ao alojamento dos pioneiros, é fácil imaginar o número de vezes que ele já foi procurado por repórteres atrás de uma história inédita sobre a época do desbravamento do cerrado. A partir deste assunto, ele desencadeia outra sucessiva série de casos, dentre os quais lembra de um que considera dos mais pitorescos. Aconteceu quando o jornalista Amaral Neto foi entrevistá-lo, e ao chegar na fonte — um dos recantos mais simpáticos do Catetinho —, "tropeçou numa pedra e tibum, caiu dentro da piscina" — contou com um largo sorriso.

— O presidente costumava dizer que esta era a fonte da juventude, só que se fosse mes-



O Catetinho é um lugar de recantos tranquilos, como a fonte. Luciano é a própria história do lugar.

mo, eu agora estaria novinho em folha, já que bebo desta água há vinte e cinco anos" — ironizou.

Em poucos dias, Luciano, lotado na Secretaria de Administração do GDF, deverá se aposentar: Assim sendo, um de seus dez filhos, Wilson Pereira de Oliveira, funcionário do Detur — órgão responsável pelos cuidados do Catetinho —, já assumiu a administração da casa desde o dia 10 de outubro. Apesar disso, Luciano não pretende abandonar suas funções a nível prático, pelo menos é o que deseja. Ele sustenta um certo temor de ser obrigado de alguma forma a

realmente abandonar os cuidados do alojamento. "Tudo aqui agora está sob responsabilidade do Wilson, o cargo foi transferido e saiu até no Diário Oficial" — reafirma.

Antigo funcionário da FAB em Luziânia, ao chegar em Brasília, a convite dos engenheiros que acompanhavam o ex-presidente, Luciano serviu por dois anos, de 1956 a 1958, à Presidência, como guarda de campo da pista de pouso ao lado do Catetinho. Quando em 58 Juscelino transferiu-se para o Palácio da Alvorada, Luciano assumiu a sua atual função. "Trabalhamos dez dias na cons-

trução do alojamento, foi uma surpresa feita pelos engenheiros ao presidente, segundo eles a obra custou na época 500 contos".

Até hoje Luciano conserva o isqueiro e o relógio que comprou com o primeiro salário, como guarda de campo, assim como conserva intacto em sua memória, os momentos que deram origem a Brasília. Conserva também a sua disposição em relatar com prazer e simplicidade, não lhe importa quantas vezes, inclusive porque já perdeu a conta, tudo que registrou durante os últimos vinte e cinco anos.

Marcio Di Pietro